

VISÃO DO CORREIO

Crise climática e saúde pública

Em 2025, o Brasil sediará a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP30), em Belém, no Pará. O governo federal criou uma secretaria extraordinária para coordenar, articular, orientar e monitorar as atividades de preparação do evento. Muitos são os temas globais a serem discutidos, mas é importante que o país aproveite a oportunidade para avançar nas pautas nacionais sobre o tema.

Pela primeira vez acontecendo na Amazônia, o encontro marcará os 10 anos do Acordo de Paris, a principal convenção climática das Organizações das Nações Unidas (ONU) e que estabeleceu metas para a redução de gases causadores do aquecimento global. A expectativa é de que a floresta, peça vital na balança do equilíbrio ambiental, ocupe espaço de destaque nos debates, com propostas de preservação e também de diminuição de emissões a partir de seu território.

Os olhares do mundo estão voltados para a terra amazônica há tempos e, cada vez mais, a emergência climática exige ações de proteção. O comportamento da humanidade determina o clima, e o clima influencia a vida das pessoas. No Brasil, assim como em outros países, situações extremas têm afetado a população.

Nos últimos meses, os estados brasileiros vêm atravessando períodos prolongados de tempo seco, comprometendo a regularidade das chuvas. Em 2023, o país viveu o ano mais quente da sua história — a exemplo do planeta, segundo os dados da Organização Meteorológica Mundial (OMM). E o calor segue na previsão do tempo, com chance de superar o recorde do ano passado e promovendo alterações em várias situações do cotidiano.

Além do meio ambiente, da economia e

da vida em sociedade, as mudanças climáticas interferem na saúde humana. Efeitos físicos e psicológicos, com a potencialização e o surgimento de enfermidades, são apontados em estudos. Os extremos de temperatura podem agir diretamente em diversos sistemas do organismo, conforme indicam pesquisadores. Outro impacto está diretamente ligado a vetores que transmitem doenças. Essa sensibilidade depende das vulnerabilidades individuais e coletivas, variando de acordo com idades e locais, por exemplo. Fato é que as consequências negativas no corpo são percebidas, reforçando e necessidade de medidas e a gravidade do cenário.

Um relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) alerta que mais de 70% dos trabalhadores que integram a força de trabalho global estão expostos a graves riscos para a saúde em razão das mudanças climáticas. De acordo com o documento, inúmeras condições estão associadas ao aquecimento, incluindo câncer, doenças cardiovasculares, respiratórias, disfunções renais e problemas de saúde mental. Crianças, idosos e pessoas com comorbidades são os mais suscetíveis.

As estratégias ambientais precisam estar integradas ao bem-estar dos cidadãos. Elaborar e aplicar um plano global que garanta a saúde humana e do planeta são desafios a serem vencidos urgentemente. Que a construção de alternativas seja meta diária de governos, de organizações e da sociedade. Que em novembro próximo, durante a COP29, em Baku, capital do Azerbaijão, decisões importantes saiam das mesas de conversas. E que, em 2025, na Amazônia, a busca por soluções para o equilíbrio ambiental apresente resultados amplos e novas saídas para a região e para o mundo.



J. Borges
1935-2024

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Homenagem

Em relação à reportagem *Medalha vinda do Oriente* (*Correio Braziliense*, 27/7), Eliseu Alves é um baluarte da pesquisa agrícola no Brasil e, quicá, no mundo. As pesquisas da Embrapa circulam globalmente. Eliseu presente. Quando cheguei à Embrapa em 1975, ele era diretor, passando, depois, a presidente da instituição. Foi cogitado para o Ministério da Agricultura no governo Collor. Justa a homenagem do governo japonês, reconhecendo seu apoio às pesquisas no Brasil, onde Eliseu esteve presente.

» **Enedino Corrêa da Silva**
Asa Sul

Medalhas

Nas olimpíadas por saudáveis notícias, aplausos e medalhas de ouro ao Poder Judiciário de Brasília, condenando, com penas duras, justas e exemplares, assassinos de mulheres. Cumprirão penas em regime fechado, sem direito a apelações. Outros covardes da mesma laia estão presos e, seguramente, também serão punidos severamente. Que a Justiça continue implacável com a escória de patifes. Também aplausos e medalha de ouro pelo milésimo número da excelente *Revista do Correio* (edição de 28/7). Trabalho jornalístico de boa qualidade

» **Vicente Limongi Netto**
Lago Norte

Olimpíadas 1

Segundo notícia publicada no *Correio Braziliense*, a solenidade de abertura dos Jogos Olímpicos de Paris, realizada às margens do mítico Rio Sena, foi vista por 320 mil pessoas. Um fracasso, sem dúvidas, posto que, quando da morte de Victor Hugo, teriam ido às ruas da capital francesa, em 1885, 2 milhões de pessoas para despedir-se do grande escritor. E, recentemente, um evento em Copacabana, no Rio de Janeiro, teria registrado um público de mais de 1 milhão de pessoas. Sem falar na última passeata gay de São Paulo, com quase 3 milhões. Parece que os parisienses não estão empolgados com o grande evento esportivo.

» **Joares Antônio Caovilla**
Asa Norte

Olimpíadas 2

Quando um atleta olímpico militar bate continência no pódio, ele o faz em respeito à Bandeira Brasileira, que, juntamente com a Constituição Federal e o Brasão Nacional, representam a nação brasileira. Portanto, não se trata de ato controverso, como afirmado na coluna *Brasília-DF* (edição de 28/7), e, sim, de civismo e patriotismo, que estão sendo esquecidos na educação e na cidadania.

» **José Airton de Brito**
Asa Norte

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O ufanismo televisivo esconde uma verdade: estamos muito longe de ser uma potência olímpica.

Abrahão Ferreira do Nascimento — Águas Claras

Festa linda na França! Foi um show incrível! Mas saudades da Rio 2016, o clima olímpico contagia...

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

Você treina duro, é escalado para a seleção, viaja para representar o país e coloca tudo a perder por causa de um passeio? Vai entender!

Cláudia Guimarães — Brasília

Primeira vez do Willian Lima nas Olimpíadas e ele competiu com o melhor do mundo. Mereceu muito a medalha de prata!

Cecília C. Lima — Brasília

Excelente decisão de mandar desligar os painéis das vias do DF. A poluição visual está exagerada na nossa cidade!

Mauro F. Mendes — Taguatinga

Em uma ditadura disfarçada de democracia, Maduro já está eleito!

Izaías Oliveira — São Paulo

Muito bom a Justiça ter mandado desligar os painéis com publicidade nas rodovias do DF. Essas iluminações só servem para cegar os motoristas!

Rosângela Reis — Brasília

Mais de 100 dias sem chuva em Brasília, e agosto só começa no fim desta semana. Viver em Brasília não é para amadores, só para os olímpicos!

Francisco J. Soares — Guará



PATRICK SELVATTI
patrickselvatti@gmail.com

Um arco-íris sem idade

Pela primeira vez no Brasil, uma Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ trouxe como tema a terceira idade. E isso ocorreu ontem, em Brasília, atestando que a capital federal é o palco ideal para colocar em foco discussões sensíveis e importantes que afetam a população de um modo geral, independentemente de sua cor, raça ou orientação sexual. E o etarismo é um câncer na sociedade que também se alastra no universo de gays, lésbicas e transexuais.

O idadismo manifesta-se de várias maneiras. A representação midiática é uma delas. Em séries, filmes e campanhas publicitárias, os personagens mais velhos são raros e, quando aparecem, frequentemente são estereotipados. Sugar daddy, milf, o velho da lancha... Essas ridicularizações contribuem para a perpetuação da ideia de que a juventude é o único período válido para a expressão da sexualidade.

E não é diferente na comunidade representada pelo arco-íris, que enfrenta desafios históricos e diversos também internamente. O etarismo invisibiliza a identidade de quem deveria ter sua existência festejada.

O movimento queer tem uma dívida histórica com seus membros mais velhos. Foram essas pessoas com rugas de expressão e marcas de feridas pelo corpo e pela alma que abriram caminho para as conquistas de direitos que, hoje, consideramos garantidos. As revoltas de Stonewall, por exemplo, não teriam ocorrido sem a coragem de pessoas trans e gays que, lá nos anos 1960, enfrentaram a repressão policial. Homossexuais e bissexuais que passaram pela epidemia da Aids

encararam medos, agressões e batalhas que permitiram à garotada atual uma prática sexual menos apreensiva em relação à doença que tirou tantas vidas. E esses pioneiros não podem ser jogados ao esquecimento social.

Promover uma mudança cultural dentro do próprio movimento LGBTQIAPN+ é essencial. É preciso educar as novas gerações sobre a importância de respeitar e valorizar as contribuições de quem chegou há mais tempo no processo. Também é necessário investir desde a criação de espaços de socialização seguros e acessíveis até o fornecimento de serviços de saúde mental e suporte social. Ter mais de 60 anos, na maioria das vezes, pode significar não ter mais pais, tios, irmãos e, no caso dos gays, lésbicas e trans, a ausência conjugal e de filhos é muito mais comum do que entre os heterossexuais.

Não é só questão de gosto. A luta por igualdade e inclusão deve ser abrangente, reconhecendo e valorizando todos os corpos. Muitos idosos LGBTQIAPN+ que viveram suas vidas em tempos em que ser aberto sobre a orientação sexual ou identidade de gênero era extremamente perigoso, sentem-se isolados e negligenciados.

As histórias e experiências desses indivíduos são frequentemente esquecidas ou desvalorizadas, deixando-os sem espaço para se expressar ou para receber apoio adequado. Isso não só os coloca em uma posição de vulnerabilidade, mas também impede que a comunidade como um todo se beneficie da sabedoria e da experiência acumuladas ao longo dos anos.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE—Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br